

REFLEXÕES DE UM ESTIVADOR

ERIC HOFFER

O estivador-filósofo de San Francisco, Eric Hoffer, é um caso único: não tem qualquer diploma — tôda a vida trabalhou com as mãos — e no entanto é um intelectual no sentido mais amplo. Suas idéias sôbre o mundo (expressas em seus livros) «brotaram de minha vida como uma fôlha ou um galho brotam de uma árvore».



É UM paradoxo pensar que em nossa época de rápidas transformações, quando o futuro está entre nós, devorando o presente diante de nossos olhos, nunca tivemos menos certeza sôbre o que nos espera. Por isso nós nos agarramos a futurólogos e pesquisas de opinião. Mesmo quando os futurólogos erram, continua-

CONDENSADO DO SUPLEMENTO DOMINICAL DO
TIMES, DE NOVA YORK (25 DE ABRIL DE 1971). © 1971 DE
THE NEW YORK TIMES CO., 229 W. 43 ST., NOVA YORK, N. Y. 10036

mos a recorrer a êles. Ficamos olhando nossos especialistas lerem seus gráficos da mesma maneira que os antigos olhavam seus adivinhos lerem as vísceras de uma galinha.



É a solidão que faz o maior barulho. Isso se aplica tanto a homens quanto a cães.



Há um quê de criança mimada naqueles que se alienam conscientemente. A vida deve ter um significado, a História deve ter um objetivo e tudo tem de estar na maior ordem para êles deixarem de ser alienados. Na verdade, não há alienação que um pouco de poder não possa curar.



O salvador que quer fazer dos homens anjos odeia tanto a natureza humana quanto o déspota totalitário que quer fazer dêles escravos e animais. Tanto o salvador quanto o déspota querem lidar com homens como se lidassem com coisas maleáveis e previsíveis.



O verdadeiro criador cria alguma coisa que tem vida própria, algo que possa existir e funcionar sem

êle. Isso se aplica não só ao artista, ao escritor e ao cientista, mas também aos criadores em outros setores. Um organizador de gênio criativo cria uma organização que pode funcionar sem êle. Quando um verdadeiro líder realiza o seu trabalho, seus seguidores dirão: «Nós o fizemos nós mesmos», e acharão que podem fazer grandes coisas sem um grande líder. Com os não criativos dá-se o oposto: no que quer que façam, dispõem as coisas de maneira a se tornarem êles próprios indispensáveis.



Achamos difícil aplicar nosso conhecimento de nós mesmos à nossa avaliação dos outros. O fato de que nunca somos todos de um tipo, de que nunca amamos sem reservas e de que nunca odiamos com todo o nosso ser não nos impede de ver os outros inteiramente em preto e branco.



Retribuição muitas vêzes significa que acabamos por fazer a nós mesmos o que fizemos com os outros.



É a alma distendida que faz música, e as almas distendem-se pela atração dos opostos — tendências, gostos, anseios opostos. Onde não há polaridade — onde as ener-

gias se dirigem tôdas numa direção — haverá muita atividade, mas não haverá música.



Uma nação decai quando seu povo se torna sério demais para se dedicar aos brinquedos.



A linguagem foi inventada para se fazer perguntas. As respostas podem ser dadas por grunhidos ou gestos, mas as perguntas têm de ser faladas. A condição humana atingiu a maioridade quando o homem fêz a primeira pergunta. A estagnação social resulta não de falta de respostas, mas da ausência do impulso de fazer perguntas.



Os que se consideram elites nunca se cansam de repetir que só os poucos escolhidos é que importam; a maioria é de porcos. No entanto, pode acontecer que um porco se case com uma porca e daí nasça um Leonardo.



O fim chega quando já não falamos mais conosco. É o fim do verdadeiro pensamento e o início da solidão final. O extraordinário é que o fim do diálogo interior marca também o fim de nossa preocupação com o mundo em volta de nós. É como se só notássemos o mundo e pensássemos nêle quando tivéssemos de prestar contas a nós mesmos.



”Potpourri” Político

UMA JOVEM, que já não tem as mesmas opiniões políticas que os pais, recebeu esta carta de sua mãe:

«Por mais que gostemos de você, querida, eu e seu pai gostaríamos que não viesse visitar-nos antes da eleição.» — E. C.

O SENADOR estadual A. O. Rappelet, de Galliano, Luisiana, concorreu à eleição com três outros candidatos, e dizia em seus discursos:

«Lamento muito, mas não tenho dinheiro para fazer plásticos de propaganda. Vamos deixar que meus adversários distribuam o máximo que puderem. E, lembrem-se, tôda vez que virem um carro sem um plástico de propaganda colado no pára-brisas... já sabem que é de eleitores meus.»

— A. P.